

O encanto amoroso da Verdade. Um contributo para a história da Mariologia em Portugal

JOSÉ JACINTO FERREIRA DE FARIAS

Faculdade de Teologia (UCP), Lisboa

Uma das preocupações que ao longo da sua carreira docente a Doutora Maria Manuela sempre manifestou foi a respeito da importância da mariologia para o estudo sistemático da teologia, não só tendo em conta o aspecto propriamente científico da questão, mas também a formação equilibrada dos futuros agentes pastorais em Portugal, os sacerdotes e os leigos. A mariologia foi assim um dos seus pólos de interesse, de que nos deixa como testemunho o seu muito interessante ensaio¹, e o outro, a escatologia, essa como obra de grande respiro, já na sua tese de doutoramento sobre Hans Urs von Balthasar², já na sua monografia³, onde sedimenta os resultados de longos anos de investigação e de docência, na formação de várias gerações de teólogos e de agentes pastorais em Portugal.

Inserida na atmosfera espiritual de Hans Urs von Balthasar, a Doutora Maria Manuela assume a categoria teológica da *figura* para dizer o mistério da

¹ MARIA MANUELA DE CARVALHO, *Maria, figura da Graça* = Estudos Teológicos 8 (Lisboa: UCE 2004).

² MARIA MANUELA CARVALHO, *A centralidade cristológica do “eschaton” nos escritos de Hans Urs von Balthasar* = Humanística e Teológica 6 (Porto 1993).

³ MARIA MANUELA CARVALHO, *A consumação do homem e do mundo* = Estudos Teológicos 11 (Lisboa: UCE 2002)

Virgem Maria, que aparece como a *expressão* viva que concentra em si o mistério da Igreja, que é *marial*, na medida em que se vê como num espelho refletida na *figura* da Mãe de Deus.

O seu ensaio teológico reúne em si duas notas raras em trabalhos desta natureza: a *simplicidade* e a *profundidade*. Organizado em duas grandes partes, na primeira, em breves e concisos capítulos, diz-nos o essencial da história da mariologia, desde os Padres apostólicos até ao concílio Vaticano II, num percurso que nos permite, como que em pinceladas, ver traçar o quadro que representa o encanto da Igreja pela *Mãe de Deus*, sendo que nesta representação somos de imediato alertados para os momentos em que de um modo mais intensivo o povo de Deus, representado nos seus santos e nos seus doutores, mais profundamente vibrou de emoção na escuta da *sequência triunfal* que proclama os *privilégios* da Mãe de Deus, que os orientais traduzem em *hinos* e os ocidentais em *dogmas*, essas expressões *excessivas de sentido*, que assinalam etapas na comunhão da mesma fé, da mesma esperança e da mesma caridade. O que caracteriza a sensibilidade contemporânea no que respeita à mariologia pode ser referido, por um lado, pelo magistério do Concílio Vaticano II, onde a Virgem Maria aparece como mistério *eclesial*, e, por outro, por Hans Urs von Balthasar, o qual adensa as grandes intuições do Concílio, na medida em que desenvolve de um modo sistemático e especulativo esta inserção de Maria no *teodrama eclesial*.

Na segunda parte do estudo da Doutora Maria Manuela, de natureza sistemática, percorremos os grandes dogmas marianos: a *maternidade* divina de Maria, a *Virgindade*, a *Imaculada Conceição* e a *Assunção ao céu*. E de novo aqui se verificam ainda mais as duas notas acima referidas, da *simplicidade* e da *profundidade*, porque nos breves capítulos dedicados a cada um dos grandes dogmas marianos, encontramos o essencial dos dados da Escritura e da Tradição, e ao mesmo tempo a harmónica reflexão sobre a *sinfonia da verdade*⁴, na medida em que no seu essencial a Doutora Maria Manuela tem o cuidado de chamar a atenção para as correlações que se estabelecem entre a mariologia e todos os grandes tratados da dogmática eclesial, da cristologia à soteriologia, à antropologia teológica e à escatologia, para não falar da *espiritualidade e da devoção popular*.

Estas características fazem deste *ensaio*, como a Doutora Maria Manuela designa o seu trabalho, um instrumento muito importante para o catolicismo

⁴ Cf. H. U. VON BALTHASAR, *Die Wahrheit ist symphonisch. Aspekte des christlichen Pluralismus* (Einsiedeln: Johannes 1972).

contemporâneo em Portugal e para a história da mariologia neste nosso contexto nacional. Para o catolicismo português, na medida em que encontra na *devoção mariana* um dos seus pilares fundamentais, em torno dos mistérios da *Imaculada e da Assunção*, primeiro, e, a partir de Fátima, do *Imaculado Coração*, onde os temas anteriores são assumidos, desenvolvidos e intensificados na espiritualidade popular; para a história da mariologia, na medida em que vem oferecer, de um modo acessível a todos, mesmo a um público devoto, mas não especializado, e de uma forma breve, os elementos essenciais para uma articulação sistemática do lugar e da importância da Virgem Maria na história da salvação.

Neste trabalho a Doutora Maria Manuela, é de certo modo pioneira, e vai ficar na história da teologia em Portugal como uma referência, mesmo na sua simplicidade e discrição, mas intenso amor à Igreja, colocando-se no seu centro, nesse lugar onde, segundo uma das suas expressões favoritas, que colhia de Hans Urs von Balthasar, se dá o *abraço entre a história e a eternidade: o coração da Igreja*, numa muito teresiana interiorização do amor⁵. E esta fidelidade ao *coração da Igreja* espelha-se na sua escatologia e na sua mariologia, mas também na obra, que não quis publicar, sobre a *protologia*, que tinha, na proclamação da necessidade da redenção – porque a protologia era já perspectivada na antecipação do *eschaton*, o mistério de Cristo como *consumador* da história -, um dos seus vectores principais na medida em que a questão cristológica é nuclear na clássica e sempre actual temática do pecado original, tema que está, nas suas linhas essenciais, presente na *mariologia*, na dogmática da *Imaculada Conceição*⁶. E assim, como a simples *serva do Senhor*, a escatológica *filha de Sião*, nessa escola a Doutora Maria Manuela procurou inspirar o seu magistério, não pretendendo outra coisa senão ser o eco da voz da Igreja, que é, como a Virgem Maria, Mãe, Virgem, esposa fecunda de tantos filhos. É que não só a mariologia está intimamente ligada à eclesiologia, mas esta como que surge também daquela, como o mistério da *stabat Mater* nos revela: ela estava na *figura* de Maria, junto aos pés da cruz. Quando de muitos lados se escutavam e se escutam vozes, com vastas e abundantes e profundas e eruditas documentações científicas, que reeditavam teses algumas já estafadas da humana autarcia a respeito da redenção ou do relativismo cristológico no campo dos estudos paralelos ou do diálogo inter-religioso, a doutora Maria Manuela mantinha-se fiel e, numa tí-

⁵ Segundo a belíssima expressão de Sta. Teresinha do Menino Jesus na qual resume toda a sua espiritualidade eclesial: “No coração da Igreja minha mãe serei o amor”: *Manuscritos autobiográficos. Manuscrito B 370*.

⁶ MARIA MANUELA DE CARVALHO, *Maria, figura da Graça*, 143-154.

pica reserva feminina, sofria em silêncio quando na sua dignidade académica não era respeitada. Para ela, a teologia não se diz no *feminino*, mesmo se ela é *mulher*; porque a teologia, cuja vibração balthasariana é constante, colhe-se na auscultação da Igreja, que tem em Maria a sua *figura* mais elevada, como Mãe, e como Virgem, e como esposa.

*

Na história da teologia em Portugal, quando ela for feita ou, pelo menos, na história da Faculdade de Teologia, a Doutora Maria Manuela permanecerá como uma referência, mesmo na sua discrição, e muito particularmente na preocupação pelos estudos mariológicos, e isto tendo em conta que, embora sendo Portugal uma nação cujo catolicismo tem o rosto mariano, desde sempre, mas muito particularmente desde as aparições de Fátima, não deixa de ser estranho que os estudos mariológicos, mesmo se existentes, não passem de ensaios.

É interessante registar que uma obra sistemática que procura ver a figura de Maria no quadro mais geral do drama da história da salvação remonta ao séc. XVII, e foi obra de um não eclesiástico, de um leigo, que, no final da sua carreira, resolveu dedicar-se a compor uma monumental obra mariológica, como forma de manifestar o seu afecto e devoção pela Mãe do Redentor. Trata-se da obra de António de Sousa Macedo, que a Alcalá recentemente editou em *fac simile* entre nós, e que eu, no contexto desta evocação do contributo da Doutora Maria Manuela para a mariologia em Portugal, gostaria aqui de evocar⁷. E a razão entre outras é que, na distância do tempo e das sensibilidades, se nota a mesma preocupação não só de cordial e afectiva devoção, mas também de mostrar como na mariologia ou na *figura* de Maria se encontra o lugar, dir-se-ia a *escola*, onde é possível aprender o equilíbrio e o correcto olhar para ver o sentido profundo da realidade e do mistério.

Em António de Sousa Macedo há sobretudo dois mistérios cuja meditação ele especialmente desenvolve, e que impregnam profundamente a sensibilidade cristã na história de Portugal: a Imaculada Conceição e a Assunção, dois motivos da fé que só respectivamente no séc. XIX e no séc. XX é que foram proclamados solenemente como dogmas, mas que já estavam no séc. XVII profundamente

⁷ ANTÓNIO DE SOUSA MACEDO, *Eva, e Ave ou Maria Triunphante. Theatro da Eerudiçam, e da Philosphia Chrystam em que se representam os dous estados do mundo: cabido em Eva, e levantado em AVE. No patrocínio da Magestade Augustissima da Rainha dos Ceos* (Lisboa 1671). Seguimos a edição *fac-simile* (Lisboa: Alcalá 2006).

enraizados na consciência profunda do sentir cristão da nação portuguesa, ao ponto de a Imaculada Conceição ter sido então declarada Rainha e Padroeira principal de Portugal, e que Sousa Macedo desenvolve amplamente.

Está bem presente no autor, mesmo se isso não é explicitamente dito, que a Imaculada Conceição e a dogmática do pecado original pressupõem a questão cristológica, ou seja, da salvação em Jesus Cristo. O contributo de Duns Escoto, o *doctor subtilis*, que mereceu este título precisamente pela subtilidade demonstrada no debate deste tema na Universidade de Paris, consistiu em oferecer uma explicação na qual consegue mostrar que a Imaculada Conceição não exclui, antes integra a mariologia na cristologia, uma vez que ela foi antecipadamente redimida pelo seu Filho, ela é a primeira das redimidas⁸. Ocupa-se ainda longamente o autor a mostrar como a Imaculada Conceição é um tema que caracteriza o catolicismo em Portugal, tendo recebido a sua consagração quando o rei de Portugal, D. João IV, a proclamou Rainha e padroeira principal de Portugal, colocando assim o Reino sob a sua protecção⁹. E, no seguimento da Universidade de Paris, também em Portugal a Universidade de Coimbra assumiu como missão a defesa deste 'privilégio', e a Imaculada Conceição é também a sua padroeira, tradição que ainda hoje continua a cumprir-se, mesmo sem a solenidade de outras eras.

Isto é muito interessante registar-se, numa obra como esta, pioneira da mariologia sistemática entre nós, porque estamos muito tempo antes da proclamação dogmática da Imaculada Conceição por Pio IX, com a Bula *Ineffabilis Deus*, no dia 8 de Dezembro de 1854. O que mostra como os dogmas são um ponto de chegada da explicitação da fé do Povo de Deus, e só nesta medida, como explicitação, é que se tornam ponto de partida para outros desenvolvimentos, o que se dá com todos os dogmas, os mariológicos, inclusive, como já num tempo mais próximo de nós K. Rahner muito bem o mostrou¹⁰.

O outro tema mariológico que merece especial desenvolvimento em António de Macedo é o que diz respeito à morte e assunção de Nossa Senhora, onde o autor atinge o ponto mais elevado de vibração da sua sensibilidade lírica e poética¹¹.

⁸ ANTÓNIO DE SOUSA MACEDO, *Eva, e Ave ou Maria Triunphante*, 352-356.

⁹ ANTÓNIO DE SOUSA MACEDO, *Eva, e Ave ou Maria Triunphante*, 358-360.

¹⁰ Cf. K. RAHNER, *Probleme der Christologie von heute*, in *Schriften zur Theologie* I (Einsiedeln-Zürich-Köln 1954) 169.

¹¹ ANTÓNIO DE SOUSA MACEDO, *Eva, e Ave ou Maria Triunphante*, 562-591.

É tocante o modo como apresenta e justifica, porque é que Nossa Senhora foi a primeira à qual o Senhor ressuscitado apareceu, embora isso não venha referido na Escritura por ser evidente: era evidente que Nosso Senhor ressuscitado apareceria em primeiro lugar a sua Mãe, e não a outra pessoa qualquer, tema que na tradição espiritual já se encontra nos *Ejercicios Espirituales* de Sto. Inácio¹² e que é traduzido nas manifestações festivas, mesmo em termos de manifestação popular, nas festas marianas que se inauguram logo na semana de Páscoa, e que em Portugal têm talvez uma das suas mais intensas expressões na festa de *Senhora do Almortão*, na Beira Baixa, e de outra maneira, mais profunda, num antigo *ofício de Nossa Senhora* na diocese de Évora, de que nos fez uma muito profunda exposição o P. Pedro Romano Rocha, de saudosa memória, no Congresso Mariológico em Chestochowa, em 1996, estudo, porém, que, apesar da nossa insistência, não chegou a publicar. É esta intuição que já vibra no povo cristão desde a mais remota antiguidade, e que Sousa Macedo testemunha tão viva no séc. XVII, em cuja exposição vibra aqui a delicada sensibilidade do autor, que está ao serviço da divina sensibilidade de Cristo, que tinha por sua Mãe uma ternura humano-divina.

São igualmente tocantes as páginas que consagra à presença discreta, mas eficaz, de Nossa Senhora no meio da comunidade nascente, mesmo na primeira assembleia, o *concílio de Jerusalém*, com aquele apontamento sobre a sua não explícita afirmação, para que não se criasse um precedente, ou seja, que depois se originasse o costume de *introduzir mulheres em assembleias como estas*.

Mas nada chega à descrição dos últimos momentos de Nossa Senhora: já com idade de 73 anos, como o Senhor vem, como são convocados misteriosamente os apóstolos, os quais, sem saberem como explicar, se encontram todos reunidos para a acompanharem, menos S. Tomé, que vem só mais tarde, num paralelismo mariológico sobre a assunção de Nossa Senhora a respeito da ressurreição do Senhor, pois assim como ele pela sua incredulidade veio confirmar a verdade e autenticidade da ressurreição do Senhor, assim também ele chega atrasado para confirmar a verdade e autenticidade da ‘ressurreição’ de Nossa Senhora; como *adormece*, como o arcanjo S. Miguel toma conta da sua alma, como o seu corpo é levado para um túmulo novo, como depois a sua alma é levada pelos anjos a reunir-se ao seu corpo, como se dá de novo o encontro da alma com o seu corpo, como acorda e se encontra com o seu Filho que está

¹² *Ejercicios Espirituales*, 299.

junto dela; como depois se organiza o cortejo triunfal que a conduz à glória e à coroação pela Santíssima Trindade como Rainha e Senhora.

Neste ponto do triunfo de Nossa Senhora, António Macedo decalca-o sobre o modelo dos *triumfos* tal como eram celebrados na cidade de Roma imperial, para analogicamente transpor para a glória de Nossa Senhora, que aparece em sumo esplendor, porque as vitórias e os troféus se reportam ao combate travado contra Satã, contra o pecado e contra o mal. Assim, toda a narração é marcada por uma grande densidade dramática que encontra no triunfo e na coroação de Nossa Senhora o seu termo e é assim que a obra acaba.

A obra de António de Sousa Macedo é estruturada na tensão entre *descida*, – como perda e afastamento de Deus, pela queda original, (o que nos recorda o esquema neoplatónico do *exitus – regressus*), sendo que neste esquema neoplatónico não há noção de pecado como queda original, mas sim de degradação de ser pelo afastamento da sua fonte, unidade *super-essencial*, que está para além do ser, aqui, porém, trata-se de um afastamento que tem a ver com o pecado que se prende com a humana liberdade – e *subida* que arrasta também neste processo toda a humanidade representada em Maria, *Ave*, como *Eva ao contrário*, mas que transcende a história e penetra na eternidade, aberta pelo Senhor ressuscitado e por sua Mãe (o autor diz que também S. José participa desta glorificação também corporal...), caminho triunfal que será também o caminho da Igreja a qual, na sua condição histórica e terrena, continua ainda a sua peregrinação, entre as perseguições do mundo e as consolações de Deus. No final a história, na qual participara a Virgem Maria, como que se separa em duas linhas, uma *ascendente*, que é precisamente esta do cortejo triunfal de Nossa Senhora, e outra linha que segue a sequência dos eventos da história que continua, já longe, o combate da fé, na perseverança e na fidelidade, sob a protecção providente do seu Senhor e da sua protectora, a *Senhora*, que continuará até ao fim dos tempos com a mesma solicitude materna, como naquele dia nas bodas de Caná: «fazei o que Ele vos disser» (Jo 2, 5).

*

O que é que uma obra destas, tão datada no tempo nos pode dizer hoje e em que medida pode estabelecer-se alguma relação com o estudo da Doutora Maria Manuela?

O essencial, também do que ainda hoje se diz, está lá, porque está na *Revelação* e permanece ainda na *memória* da Igreja. Claro que é muito diferente o

modo como António de Sousa de Macedo, no séc. XVII organizava a mariologia e o modo como hoje, depois do Concílio Vaticano II, e no séc. XXI se pratica a mariologia e se enquadra na teologia, e aqui está a notável diferença a respeito do trabalho da Doutora Maria Manuela.

Nós sabemos que o concílio Vaticano II discutiu muito antes de chegar à solução de colocar a mariologia no capítulo final da *Lumen Gentium* a recordarmos que, sendo muito embora o lugar da Virgem Maria na Igreja, ela está, porém, perante a Igreja, porque ela é, como diz o Concílio, a sua figura excelsa¹³.

Este aprofundamento da mariologia, tendo em conta a renovação dos estudos bíblicos, mas também patrísticos, permitiu outros desenvolvimentos e outros enquadramentos teológicos, nomeadamente, o horizonte eclesiológico na compreensão de toda a teologia em geral e da mariologia em particular, sobretudo nesta circularidade hermenêutica, entre mariologia e eclesiologia, porque o que se predica de Maria aplica-se analogicamente à Igreja, de tal modo que se nos perguntássemos se houve (e quais então) dogmas acerca da Igreja, teríamos de contemplar a mariologia e então veríamos, que, desde a maternidade divina à Imaculada e à Assunção estes dogmas têm implicações eclesiais¹⁴, e talvez seja precisamente por isso, porque em Maria está o espelho no qual a Igreja e cada crente reconhece a própria identidade, talvez por isso, mesmo se não só, é que o povo de Deus vibra tão profundamente, na sua alma sensível, quando se trata de Nossa Senhora: nela brilha o reflexo de luz que nos ilumina.

Há, porém, aspectos que a teologia contemporânea de algum modo perdeu, e isso reflecte-se também na pastoral e na pregação: aquela vibração lírica que em António de Macedo se encontra, e que, alimentada em tradições mais ou menos apócrifas, revelações e visões (Sta. Brígida e outros), nos faz pressentir um clima de emoção, cuja falta hoje se ressent, talvez pelo excessivo racionalismo da teologia e da pregação contemporâneas, que procuram falar mais à inteligência do que ao coração, e acabam talvez por não falarem nem a uma nem a outro.

Por isso, apesar de alguns aspectos rondarem a fantasia e a ficção, justamente porque não encontram base de sustentação nos textos canónicos, que se reduzem quase ao testemunho frio de uma tradição nos seus elementos essenciais, e daí a sua credibilidade, apesar disso eles oferecem um complemento de poesia e de emoção, de deslumbrante enamoramento, e que se encontra na de-

¹³ Cf. MARIA MANUELA CARVALHO, *Maria, figura da Igreja*, 93-105.

¹⁴ Cf. H. DE LUBAC, *Méditations sur l'Église* (Paris : Montaigne 1953).

voção popular, que vibra, quase em apoteose, sobretudo na solenidade de *Santa Maria de Agosto*, na Assunção. E assim o que se ganhou na teologia contemporânea em clareza e em rigor, perdeu-se talvez em sentimento e em emoção, digamos que se perdeu esta tão intensa e lírica dimensão estética, e é isso que uma obra como estas tem o mérito de recordar.

Nela está, de facto, sedimentada a *memória* do povo cristão, de uma memória cordial que tudo vê segundo o olhar do amor. Uma obra como esta de António de Macedo não é possível transpor sem mais do séc. XVII para o séc. XXI. Os tempos actuais são outros. Mas conhecê-la, visitá-la será mais do que uma experiência museológica; será antes o contacto com uma vibração interior que, sem querermos, como que nos toca no mais íntimo de nós mesmos e desencadeia energias escondidas ou quiçá esquecidas, como que a dizer: que assim tivesse sido ou seja, e que a crítica, abrindo o olhar agudo da razão, não ofusque o olhar nem silencie a voz do coração.

Ora isso é possível ainda hoje, com certeza, mesmo por outras vias ou por outros métodos. O trabalho da Doutora Manuela, de um modo muito contido, brota, no entanto, de uma teologia afectiva, como ela deixa transparecer logo ao começar a introdução – “vamos iniciar uma tarefa que nos é muito grata, pelo muito amor que temos à Mãe de Deus...”¹⁵. E assim temos aqui um exemplo de uma dimensão que a teologia hoje deve ter e cultivar como condição para a sua contínua renovação que passa ou que tem como segredo a conjugação entre a afectuosa contemplação do mistério e a sua explicitação conceptual, no esforço do conceito que diz a teologia enquanto tal: “Na raiz do pensar teológico há um acto de adoração, há o silêncio contemplativo e humilde de quem sabe que se aproxima da verdade sem a possuir, deixando-se, pelo contrário, possuir por ela. Só se deixa possuir pela Verdade divina quem, antes, se encanta por ela, a ama. É a força do amor que o encaminha não só de reflexão em reflexão, mas também de vida em vida sempre renovada pela acção do Espírito Santo”¹⁶. Ora aqui está então o *segredo* da renovação da teologia na escola de Maria, onde pode dizer-se que a Doutora Maria Manuela se colocou: a contemplativa escuta da palavra, no recolhimento da alma e do coração, tal como a Virgem Maria quando pela primeira vez escutou essa saudação que ainda hoje os cristãos de todo o mundo repetem com fé e devoção: Ave-Maria!

¹⁵ MARIA MANUELA CARVALHO, *Maria, figura da Igreja*, 7.

¹⁶ MARIA MANUELA CARVALHO, *Teologia e adoração: o tema da reparação na mensagem de Fátima*, in *Fenomenologia e Teologia das Aparições. Congresso Internacional de Fátima* (Fátima 1998) 621.